

A PATRIA

Orgão dos interesses da colonia brasileira no Rio da Prata

Administração: Calle 25 de Maio 471, esq. de Ciudadela

Montevideo -- Domingo 28 de Fevereiro de 1886

Diario da manhã-Anno VIII - Num. 2000

A PATRIA
é publicação diária e da manhã. — Sabe pela
typographia do seu nome

DIRECTOR: JASSIO A. FARINHA.

NUMERO 1.000

CONDIÇÕES

Assinatura mensal nesta cidade. \$ 1.00
PARA FORA
Semestre. \$ 8.00
Anno. \$ 15.00
N.º de dias. \$ 0.10
atrasado. \$ 0.20
ASSIGNATURA E SELLO PAI A RIO DE JANEIRO
Semestre (moeda papel réis) 195.000
Anno 365.000

PAGAMENTO ADIANTADO

NOTAS

As assignaturas devem sempre concluir no fim do Março, Junho, Setembro ou Dezembro, podendo começar em qualquer dia.
A correspondência deve ser integralmente selada, sem o que não será retida ao correio.
Não se devolvem originaes ainda que não sejam publicados.

AGENTES

NA

Campanha e Exterior

LOCALIDADES	NOME DOS AGENTES
Alegrete.	Freitas Valle & Jacques.
Aracaju.	Antonio Macielonio.
Arroio Malo e Clara (Dep. Tacarembó).	Francisco Formoso.
Arroio Grande (Pay.).	Imael Velasquez.
Artigas.	Martinez & Marin.
Ayacucho (Cerro Largo).	João Pelet.
Bahia.	Zeferino Meneses.
Berchid (Cerro Largo).	João B. Romero.
Caraguatá (Taquarub.).	Antonio Molinari.
Candioti (Provincia do Rio Grande do Sul).	Manoel Ign. Machado.
Candioti Brava (Cerro Largo).	Manoel Sforza.
Cerro Largo.	Leon Ventura.
Chuy (Riocha).	Aniceto Carreras.
Cerro de Pereira (Taquarub.).	Soc. de S. Sebastião da Selvagem Avdo.
Cordoves (Durazno).	Segundo Soto.
Concordia.	João Maria Pardo Pereira.
Corrales (Cerro Largo).	João Menino (c. casa de Pintos & Ca.).
Cuchilla de la Palma (Taquarub.).	João de Mello.
Cuchilla de la Pereira (Taquarub.).	Fernando Rici.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	João Jacintho Orosio.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Amílcar José de Souza.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Luiz Mayer.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	João F. Varela & C.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	A. Araújo Silva.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Godofredo Junior & Ferreira.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Marciano, Leitão & C.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	João Guell.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Dr. Silva Gama. — Largo de S. Sebastião da Selvagem n.º 51.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Silveira da Costa Pereira.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	M. Montão Junior.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	João Santos Pereira.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	David C. de Barros.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	P. Joly & J. Martin.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Faubourg Poissonnerie 61.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Mariano Comas.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Manoel Billa.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Bellavista Romero.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	L. de Vasconcellos Ferreira.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Laurindo J. da Silva.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Ramão E. Silveira.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Manoel Silva.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Guimaraes & Echeverry.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Antonio Maximo.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Gordiano Vares.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	João da Silva Marques.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Marciano Benavidez.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Jeronymo E. dos Santos.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Leonardo J. P. Cracol.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	S. João Bap. do Quarysh.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Pedro Amonte.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Magalhães & Gonçalves.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Imael J. Vargas Gilosa.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	João Machado & C.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Simão Soares.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	João Joaquim.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Manoel Alencar.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Eufemio Buenafama.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Baldino Lima.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Massaro & Cia.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Paulino & Freitas.
Cuchilla de la Piedad (Taquarub.).	Carlos Bregio.

FOLHETIM DA PATRIA

GEORGE OHNET

CARVAJAN

(LA GRANDE MAIRIÈRE)

VII

—Vai-se para entrar, mas o velho batendo-lhe no braço, disse ternamente:
—Vai, minha filha. . . Preciso conversar com estes senhores. . . Se precisas de ti, mandar-te-hei prevenir.
—Mas, meu pai. . . exclamou a moça, horrivelmente perturbada.
Carvaján levantou a cabeça e em tom sarcástico, com os olhos fixos no senhor de Clarendon:
—Se o Sr. marquez está sob tutela, disse, preciso saber o que faço eu aqui.
—Vai, minha filha, repetiu o marquez com um pouco de impaciência. . . Então, receando incomodar o pai parecendo resistir-lhe, aterrada pela idéia do que se ia passar, Antonietta retirou-se.
O inventor e o banqueiro ficaram sós. Tonquía afastara-se directamente para um canto, como se não tivesse interesse pelo que se ia dizer ou fazer. Havia comissário, soubera introduzir Carvaján na praça. Competia a este aprovel-

A PATRIA

MONTevideo 28 DE FEVEREIRO DE 1886



1.º de Março de 1870

Esta data memorável para o Brasil assigna-lha um triumpho completo para as armas do imperio, unico, dos tres aliados a quem tocou a gloria de terminar a lucta sanguinolenta com o dictador do Paraguay.
Não a podemos deixar passar desaperecebida, pois ella traduz uma epopeia gloriosa para a nossa patria e um triumpho para a civilização d'estes povos.
Saude-mos o glorioso dia 1.º de Março, enviando hozanas ao Brasil e invocando paz para os que renderam a patria o sacro tributo de sua existencia.
A historia registra esse facto com paginas de ouro e o Brasil delirante de entusiasmo nacional celebra com arroubos patrióticos o dia glorioso em que o seu exercito cobrio-se de imarcesciveis louros.

A historia diz com toda a fidelidade que o general José Antonio Cordeira da Camara, logo depois Visconde de Pelotas, ligou seu nome a essa memorável acontecimento, epiglo da longa epopeia escripta com o sangue de tantos bravos que souberam cumprir o seu dever, glorificando a patria.
Esta lenta e rude campanha, que se prolongou por mais de cinco annos e na qual o Brasil teve que combater inimigos embretecidos por diuturna servidão, mas em quem o fanatismo religioso duplicava a natural valentia, pôz em relevo scenas de inextinguivel heroismo, que muito lustro deram ao nome brasileiro.
Dando conta das derradeiras occorências que terminaram por este grandioso successo e de mais perto se seguiram, diz o general Camara:
«O coronel Silva Tavares não lhe deixou mais tempo para respirar. Carregando sobre elle, dizimando seus defensores, mutilando seu piqueto de officiaes, ceifando com o gladio da victoria aquellas vidas, que como anjos do mal se oppunham a paz e a regeneração de um povo, levou-o de envolta no pó e no fumo, de encontro ao matto que margeia o Aquidauanguí.
A tão encarnizada perseguição não pôde o tyranno fazer face.
Abandonando-se á fuga, lançou-se para o interior do matto, onde de perto o seguiram um punhado de bravos que lhe juraram exterminio, e até que ferido, desarmado, exausto, apeçonhoso do seu cavallo, dirigiu-se para aquella arvore que tentou transpor, caindo de joelhos na barranca opposta.
Foi nesta posição que, tendo-me apeado e seguido em seu encalço, o encontrei. Intimé-lhe que se rendesse e entregasse a espada, que o general que commandava aquellas forças lhe garantira os restos de vida.
Respondendo-me atirando um golpe de espada.
Ordenei então a um soldado que o desarmasse, não que foi executado no momento em que exalava elle o ultimo suspiro, livrando a terra de um monstro, o Paraguay de seu tyranno e o Brasil do flagello da guerra.
A perda do inimigo foi completa: as picadas onde se deram os primeiros encontros, os passos dos rios, o campo de combate, o espigão que percorreram na fuga, o matto e a arvore a que se lançaram ficaram juncados de cadaveres.
O numero de prisioneiros feitos sobre a 211, entre os quaes acham-se os generaes Resquin e Delgado, quatro coronéis, oito tenentes coronéis, dez maiores, tres melicos, oito padres e um escravo.
Mm. Lynch e quatro fillos entraram no numero dos prisioneiros, e são trophes preciosos d'este triumpho.
Ao lado do catro em que ella pretendia fugir foi dispersa a escolta que a guardava e morto o coronel Lopez, fillo do ex-dictador, que não quiz render-se.

Cahiram em nosso poder 16 bocas de fogo e estandartes, muito armamento e munições que mandei inutilisar.
Ficaram mortos no campo de combate o general Rôas vice-presidente Sanchez, o ministro Caminos, o coronel Del Valle e muitos officiaes superiores e subalternos.
A mãe irmã do tyranno, que se achavam presas, cuja sentença de morte lhes havia sido intimada, foram postas em liberdade.
Custa a crer na crueldade que este ultimo trecho revella; mas não podemos recusar o testemunho insuspeito, do onde essa noticia nos vem com a uniformidade da verdade!

Da Historia da guerra do Paraguay do capitão Theodoro Fix, reproduzimos o final de um artigo que o Monitor Universal, de 3 de Março de 1870, consagra á morte do dictador:
«Reconheceu-se a identidade do cada-ver, que foi transportado em uma padiola improvisada para o lugar occupado pelo acampamento paraguayo. Abriu-se uma cova, e alli foi elle enterrado, podendo-se depois sobre a sepultura urca grande cruz de madeira.
«Segundo refereo um jornal, a mãe do Lopez, ao visitar o cadaver do fillo, lançou-se sobre elle debullada em lagrimas; então uma das irmãs do dictador, D. Iphaela, bradou-lhe indignada: «Senhora, não chore um homem que não foi fillo, nem irmão.»
«A Sra. Lynch, que fugia em um carro, escoltada por seu fillo mais velho, Saneho, foi aprisionada pelo official brasileiro Cypriano. Não querendo render-se e tendo ferido o official, o fillo morreu, como o pai, traspassado pela lança de um soldado.
«A Sra. Lynch foi levada á presença do general brasileiro. Recomendou este que não se fizesse o menor insulto á celebre aventureira, que todos vimos aqui em Paris e que se conservou tão triste-mente fiel ao amor e aos crimes de Lopez; prohibiu que la tomassem as riquezas e valiosas joias, que elle trazia consigo, e confiou a sua protecção a uma guarda brasileira.
«Assim acabou miseravelmente esse dictador, que tratava, ha cinco annos, de potencia a potencia com a Europa e ameaçava a America do Sul com a sua ambição e os seus exercitos.»

Nota azedissima

Eis como o governo argentino respondeu á nota do Sr. A. Gaxos, representante do governo oriental.
Este assumpto toma uma attitudé na da agradável e com fundamento se supõe que as relações entre os dois países além de esfrisar sensivelmente, tomam um caracter alarmante.
Repetimos o que já dissemos:
As cousas complicam-se!
«Estou encarregado de manifestar a V. Ex. para que se sirva transmitir a seu governo, que o argentino não lhe é possível accellerar os desejos de V. Ex. manifestados com tanta insistência em sua nota de 22 do corrente e que o deplora.
«O governo argentino supõe que não pôde prohibir as reuniões e a communicação da vida em condições pacificas dos emigrados orientaes que V. Ex. denuncia existiam em casas ou barracões, nem tão pouco prohibir embarque nem recolher á prisão e processar o Sr. Arceñondo, por não ter autoridade para isso, nem lei que o disponha sem delicto commettido.
«Não obstante supponho haver cumprido amplamente os deveres de boa visinhança e amistosa relação internacional, ordenando o desarmamento e dissolução de grupos que apparecessem na fronteira, ordenando ás policias a necessaria vigilância para que não fosse publico o engajamento de homens, exercicios militares e formação de corpos organisados militarmente.
«Supponho, finalmente, que o governo argentino demonstrou sua decisão para evitar a guerra civil annunciada no Estado Oriental da manieira mais clara, do-se do enthusiasmo e da confiança no mesmo tempo.
A voz cortante do Carvaján acalmou subitamente o marquez.
—Mas sob que pretexto quer o senhor que eu lhe dê dinheiro para explorar a sua invenção? Vou agora me divertir offerecendo-lhe armas para que o senhor me faça guerra? Vejo perfeitamente o seu interesse em tudo isto. . . mas onde fica o meu? Não sou homem a que se pague com palavras óas e theorias humanitarias. . . O progresso, a industria, tudo isso é bem bonito, mas em primeiro lugar eul Nada me prova que o senhor tirará bom resultado dos fundos que me pede, e eu já tenho muito dinheiro por fora. . . Devo-me, meu caro senhor, perto do quatrocentos mil francos, dos quaes conto e sessenta mil pagarei hoje mesmo. . . Está habilitado a fazer-o?
O marquez curvou a cabeça, depois, muito baixo:
—Não, senhor.
—Então, sou um seu criado! Não se incomode assim a gente para contar-lhe historias, e quando não se pôde pagar dividas não se campa do genio. . . Ah, ah! o fornol. . . pertencemo, como tudo o que aqui está o não sei porque não o experimentarei se for bom. . .
—O senhor!
—Sim, senhor, eul Penso, senhor marquez, que chegou o momento de abandonar os subterfugios. . . Não espera emburrar um velho esperto como eu? E no entanto procurei fazer-o, digo-

negando o livro despacho de armas depositadas nas alfândegas nacionaes pela simples denuncia da V. Ex. que eram destinadas a revolucionarios, outorgando em compensação o despacho de armas compradas em praça pelo governo do V. Ex.
Depois d'estas explicações que considero definitivas, se o governo do V. Ex. insiste em sustentar suas exigencias nos termos em que o faz em sua nota de 22 do corrente, dando assim lugar a uma situação ydríosa e difficile para conservar a harmonia que reina, será o governo do V. Ex. o incumbido da responsabilidade d'essa situação.»

ACTUALIDADE

Períodos de um artigo do «El Siglo»

Na secção editorial do Siglo da manhã de hontem, apparece um artigo que trata de assumptos diplomaticos e no qual o autor do artigo simula uma conversação qua teve com um seu amigo.
Eis alguns periodos do indicado dialogo, que entraveio o redactor Sr. Albistur com o seu amigo versado em assumptos diplomaticos:
«Volcan diplomático! dignos: que quiere decir eso? —«Lea usted», nos contestó nuestro amigo, y nos puso delante dos diarios, señalándonos en uno el manifiesto de don Andrés Lamas y en el otro el primer editorial de A Patria del jueves.
Ya habíamos leído el manifiesto del Sr. Lamas, pero no el editorial del diario brasileiro que no sabemos por qué en los dos últimos dias no se ha dignado visitarnos. Nuestro amigo pretendia que alguna relación debía existir entre uno y otro escrito, y nos parecia que perdíamos nuestro tiempo tratando de convencerlo de que se equivocaba en sus suposiciones. En vano lo dijimos que en el manifiesto del Dr. Lamas no velamos otra cosa que la opinión buena ó mala, acertada ó desacertada de un hombre proveito, inteligente y lleno de experiencia sobre la actualidad política de este país. Nuestro amigo se aferró en pensar y sostener que el señor Lamas tiene buenas naves y que no escribe solo por el gusto de hacer conocer al mundo como piensa. Ya nuestro amigo lo habia sospechado cuando leyó el manifiesto; y por lo desdo que vió el editorial de A Patria lo crea como artículo de fé. Para convencernos fué dándole el tal editorial y haciéndonos sobre el comentarios, algunos de los cuales creemos prudente reservarnos. A Patria, nos decía, es un diario prudente y que no peca de temerario. —Pues repara usted con qué decisión afirma que lo consta que si los sucesos políticos se desenvuelven del modo como van, el Gobierno imperial enviará un Ministro Plenipotenciario en misión especial cerca del Gobierno oriental para asuntos importantes.
Al oír esto nos dimos una palmada en la frente y sacando del bolsillo un número de La Tribuna Popular que acabábamos de comprar mostramos á nuestro interlocutor la siguiente gaceta:
«Se nos dice que de un día para otro es esperado en nuestro puerto, procedente de Buenos Aires, el Ministro del Brasil condejo Alencar, á quien parece se le ha confiado una misión cerca del general Santos. —Será el señor Barón de Alencar, preguntamos á nuestro amigo ese enviado especial anunciado por A Patria?
—No sé nada, replicó nuestro amigo; pero lo que veo es que el diario brasileiro, sabe tambien, segun dice, que en el seno del Gobierno argentino predomina el pensamiento de enviar á Rio Janeiro otro diplomático en misión especial, ó de dar instrucciones al señor don Enrique Moreno, acreditado en aquella corte, para discutir asuntos urgentes que tienen relación con este país, y en los cuales el Gobierno argentino desea esté de acuerdo el del Brasil.

LITTERATURA

A cruz da estrada
(INEDITA)

Tu que passas, descobre q'ali dormo
O' forte que morreu.

(A. Herculanio.)

Invides quia quiet.

(Luthero.)

Caminheiro que passas pela estrada.
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vejas a cruz abandonada
Deixa-a em paz dormir na solidão.

Que vale o ramo do alecrim cheiroso
Que lhe atras nos braços ao passar?
Vaes espantar o bando bulhoso
Das borboletas, que lá vão pousar.

E' do um escravo humilde sepultura,
Foi-lhe a vida o velar do insomnio atroz;
Deixa-o dormir no leito da verdura
Que o Senhor entro as solvas lhe compoz.

Não preciso de ti. O gaturamo
Genio por elle á tarde no sertão,
E a jurty do fiquar no rumo
Povoa soluçando a solidão.

Dentro os braços da cruz a parasita
N'um abraço de flores se prendeu,
Chora orvalho a gramma, que palpita,
Lhe accende o vagalume o facho seu.

Quando a noite silencio habita as matas
A sepultura falla a sós com Deos. . .
Prende-se a voz na bocca das cascaetas
E as azas d'ouro aos astros lá nos ceos.

Caminheiro, do escravo desgraçado
O somno agora mesmo começou.
Não lhe toques no leito do noivado
Ha pouco a liberdade o desposou.

— Castro Alves.

Pelo correio

(DE BOUFFERS)

Em letra fina e tremendo,
Mandas-me um beijo do amor.
Recbi; mas, francamente,
Não lhe achei nenhum sabor!

O enveloppo sellado
Vinha nas mãos do carteiro;
Antes, o porto dobrado,
Sendo tu o mensageiro!

Tomado de um vago anseio,
Logo, porém, me amollino.
Um beijo, pelo correio,
Nunca chega no seu destino.

E se tem mil amavios
Faz-me muito delirio.
Eu fiquei a ver navios. . .
Foi um beijo extraviado.

Não me queixo do correio
Nem tambem do entregador.
Elle chegou-me, mais veio
Só no papel, meu amor.

Creio, ninguém aprecia
Um beijo, assim, enviado,
Com boa calligraphia
Sobre papel amillado!

E digo, bem convencido,
Que é illusorio o favor:
—Só na arvore colhido,
Tal fructo é que tem sabor!

Thomé Junior

Um beijo

Se nas ondas do lyrismo
Os meus versos embalsas,
Todas as vezes que scismo
Nesso teu riso fugace.

Onde ha tanto romantismo
Como lindesza o realce,
Eu talvez visse um abysmo
Diante do qual parasse. . .

Eu talvez, talvez te amasse,
Cheio de medo e de pejo
E o meu amor não cantasse:

o em sua honra. . . Pensava que era
mesmo atilado. . . Agora está tudo
acabado, não? Não conserva nenhuma
illusão? Só lhe resta preparar-se para
sahir deste solar. . .

O tyranno collocou-se diante do senhor
de Clarendon e illuminado por terrivel
alegria:
—Ha trinta annos, o senhor expul-
sou-me de sua casa; hoje, é a minha
vez. . . Um official do justiça está lá em-
baixo lavrando o auto.

Itiu-se injuriosamente, e, com as
mãos nos bolsos da calça, sem cerimô-
nia, começou a passear do um lado para
outro, pavoneando-se, como se fosse já
o dono da casa.

O marquez curvira, cheio do espanto,
esta violenta apostrophe. As illusões que
ainda conservava dissiparam-se em um
segundo, como as nuvens dissipam-se
no sopro da tempestade. Voltou á razão,
recolheu sua lucidez do espirito e enver-
gonhou-se da ter descido a discutir com
Carvaján. Não vio mais nelle o agiota
sempre disposto a fazer uma especula-
ção vantajosa; tornou a encontrar o ini-
mito paciente e encarnizado da sua casa.

—Eugênio-mo, disse com desdém,
quando acreditava possuir ainda com
quienlar a sua cobiça.

—Oh! oh! insolencias, disse o ban-
queiro friamente, é um luxo que o seus
meios não lhe permitem mais, meu ca-
ro senhor. Quando se deya dinheiro, é
preciso pagal-o, mas não com más pa-
lavras.

—Pode abusar da minha situação,

Quando é meu maior desejo
Unir a minha a tua face,
Ao som do um ardente beijo!
Parades da Costa.

VARIEDADES

Washington e Buonaparte

Se compararmos Washington e Bu-
onaparte, homem a homem, o genio do
primeiro é de um vdo menos elevado qua
o do segundo.

Washington não pertence, como Bu-
onaparte, a essa raça dos Alexandres e
dos Cezars, que ultrapassa a estatura
da especie humana. Nada do espantoso
está ligado á sua individualidade; não
se vê collocado sobre um vasto theatro;
não tem que lutar com os capitães mais
habeis e com os mais poderosos monar-
chas da época; não corre do Memphis a
Vienna nem do Cadix a Moscow; defende-se com um
punhado de cidadãos, numa terra sem
recorridos e sem celebridades, dentro
do circulo estreito dos lares domesti-
cos.

Não fero combates que rendem os
triumphos sangrentos d'Arbells e do
Tharsalia; não derruba os thronos, pa-
ra reconpor outros com os seus destros;
não põe a mão sobre o pescoço dos reis;
não lhes manda dizer, do vestibulo do
seu palacio

Qu'il se fût trop attendre et qu'Attila s'ennuie
O que quer que é de silencio envol-
to as acções do Washington; procedo
com lentidão; dir-se-ia que elle se reco-
nhece o mandatario da liberdade do fu-
turo que recia comprometida.

Não é o seu destino que conduz este
herde do nova especie, do destino do seu
paiz; não se permite jogar com aquillo
que lhe não pertence. Mas desta pro-
funda obscuridade quanta luz vaespar-
gill

Procurao os bosques desconhecidos
onde brillou a espada de Washington;
o que encontra? Um túmulo? Não; um
mundal Washington deixou os Estados-
Unidos como trophes, sobre o seu cam-
po de batalha.

Buonaparte não tem nenhum traço do
grave americano; combato uma velha
terra cercando do brilho e do ruido; apas-
na quer crear fama, não se occupa
sonda da sua sorte. Parece saber que a
sua missão será curta; que a torrente
que desce do alto se escoa prompto-
mente; apressa-se em gozar o abuso da
sua gloria como de uma moedada
fugitiva. A similhaça dos deuses do
Homero, que chegar em quatro passos
aos terminos do mundo; apparece em
todos os paizes, inscricao precipitada-
mente o seu nome nos fastos de todos
os povos, e lança, ao correr, cordas
reaes a sua familia e aos seus soldados;
não se detem nos seus monumentos,
nas suas leis, nas suas victorias. Encli-
nado para o mundo, com uma das mãos
lança por terra os reis, com a outra
abate o gigante revolucionario; mas,
estagnando a anarquia, soffoca a li-
berdade, o acaba por perder a propria
no ultimo campo de batalha.

Cada um é recompensado conforme
as suas obras.

Washington eleva uma nação á inde-
pendencia; magistralmente retendo adorme-
cedamente debaixo do tecto pater-
no, no meio das lagrimas de seus com-
patriotas e da veneração de todos os po-
vos.

Buonaparte rouba a uma nação a sua
independencia; imperador destruido
expellido para o exilio, onde o temor
dos povos o não julga bastante encerra-
do pela barreira do Oceano. Enquan-
to elle se debate contra a morte, franco e
encadeado em um rochedo, a Europa não
ousa depor as armas.

Expira, e essa noticia publicada á
porta do palacio diante da qual o con-
quistador tinha feito proclamar tanto fu-
tuero, nem surpreheide nem commovo
os transeuntes; os cidadãos não tinham
porquê chorar.

A republica de Washington persiste,
o imperio de Buonaparte está destruido;
desmoroçou-se entre a primeira e a se-
gunda viagem de um francez que achou

senhor, disse o marquez com pezar. Es-
tou nas suas mãos e devo resignar-me a
tudo, já que os meus foram os primeiros
a abandonar-me. Que favores posso as-
perar de um estranho, quando minha
filha fecha-me a sua bolsa e meu fillo
afasta-se do mim? Demais, flaqueamos
ahi. . . Nada mais temos a tratar. . .

Carvaján fez um gesto de surpresa,
depois o rosto illuminou-se-lhe com
diabolica satisfação.

—Pedro! I replicou vivamente. . . Ve-
jo que labora em um erro do qual preci-
so afastal-o. . . Accusa sem razão seus
filhos. . . Sem duvida pediu a Mlle.
Clarendon para o tirar do ajuros e ella
recusou-se, segundo julga? Tinha boas
razões para fazel-o, porque o dinheiro
que lhe podia deo o ella ha muito tem-
po. . . Ah! o senhor queixa-se da sua in-
gratidão! . . . Pois bem, ella arruinou-
se por sua causa e sem barulho, pedin-
do que não vos revelassem o emprego
que fazia da sua fortuna. . . Ah! está a
que o senhor chama fechar a bolsa!

O marquez não pronunciou uma pa-
lavra se quer, não soultou um suspiro.
Um facto de sangue subiu-lhe ao cere-
bro, tornou-se cor de purpura, depois,
livido, deitou para Carvaján o olhar da
victima para o assassino. Pareceu-lhe
que o coração petrificara-se, deu alguns
passos, e inconsciente, esquecendo que
o algos estava presente, senlou-se na
sua grande poltrona e sobre as costas
deixou cahir a cabeça com abandon. O
malra seguiu-o, gozando deliriosamen-
te das torturas do seu inimigo, domi-

